

PATRICK MODIANO

# DORA BRUDER

Tradução de G. Cascais Franco

Há oito anos, num velho jornal, o *Paris-Soir*, datado de 31 de dezembro de 1941, dei na página três com uma rubrica: «De ontem para hoje». Já quase no fim, li:

#### PARIS

*Procura-se uma rapariga, Dora Bruder, 15 anos, 1,55 m, rosto oval, olhos cinzento-acastanhados, casaco desportivo cinzento, camisola em tom bordeaux, saia e chapéu azul-marinho, sapatos leves castanhos. Endereçar todas as indicações ao Sr. e à Sr.ª Bruder, Alameda Ornano, n.º 41, Paris.*

Conheço, desde há muito, o bairro da Alameda Ornano, pois em criança acompanhava a minha mãe à feira da ladra de Saint-Ouen. Apeávamo-nos do autocarro na Porta de Clignancourt e às vezes em frente do edifício da 18.ª circunscrição. Era sempre ao sábado ou ao domingo à tarde.

No inverno, lá estava o homem em pleno passeio da avenida ao longo do quartel de Clignancourt: víamo-lo especado entre o caudal dos transeuntes com o seu aparelho de tripé; era gordo, de nariz grumoso e óculos redondos e propunha uma «fotografia de recordação». No verão, postava-se no estrado de Deauville, diante do Bar do Sol, para encontrar clientes. Mas aqui, na Porta de Clignancourt, os passantes não pareciam querer tirar o retrato. Vestia um sobretudo velho e um dos sapatos estava esburacado.

Lembro-me de as alamedas Barbès e Ornano estarem desertas numa soalheira tarde de domingo, em maio de 1958. Grupos de guardas vigiavam em todos os cruzamentos por causa dos acontecimentos da Argélia.

Estive novamente neste bairro no inverno de 1965. Tinha uma amiga que morava na Rua Championnet, Ornano 49-20.

Nessa época, o caudal dos transeuntes dominicais ao longo do quartel já devia ter arrastado o fotógrafo gordo, mas nunca fui verificar. Que serventia tivera o quartel? Haviam-me dito que abrigava tropas coloniais.

Janeiro de 1965. A noite descia por volta das seis horas sobre o cruzamento da Alameda Ornano e da Rua Championnet. Eu não era nada, confundia-me com este crepúsculo, estas ruas.

O último café no fim da Alameda Ornano, do lado dos números pares, chamava-se Deita Mais. À esquerda, na esquina da Alameda Ney, havia uma farmácia e dois cafés, um dos quais mais antigo, na esquina da Rua Duhesme.

Fartei-me de esperar nestes cafés... de manhãzinha cedo, quando ainda estava escuro. Ou ao fim da tarde, já ao anoitecer. E a desoras, até eles fecharem...

Ao domingo à noite havia sempre um velho automóvel de desporto, preto – um *Jaguar*, segundo creio –, estacionado na Rua Championnet, ao pé da escola infantil. Tinha uma chapa na retaguarda: *G.I.G.* «Grande Inválido de Guerra». A presença deste carro no bairro despertara-me a atenção. Perguntava a mim mesmo que género de cara teria o seu dono.

A partir das nove horas da noite a alameda ficava deserta. Ainda hoje vejo a luz da boca do metropolitano em Simplon e, quase em frente, a da entrada do cinema, Ornano, n.º 43. Nunca reparara no prédio do 41, antes do cinema, e no entanto passei diante dele durante meses, anos a fio. De 1965 a 1968. «Endereçar todas as indicações ao Sr. e à Sr.<sup>a</sup> Bruder, Alameda Ornano, n.º 41, Paris.»

De ontem para hoje. Com o recuo dos anos, as perspectivas baralharam-se no meu espírito, os invernos misturaram-se uns com os outros. O de 1965 com o de 1942.

Em 1965 eu não sabia nada de Dora Bruder. Mas hoje, trinta anos depois, parece-me que nada disso se devia simplesmente ao acaso: essas longas esperas nos cafés do cruzamento Ornano, esses itinerários sempre iguais – seguia pela Rua do Mont-Cenis para me dirigir aos hotéis da Butte Montmartre: o Hotel Roma, o Alsina ou o Terras, na Rua Caulaincourt –, essas impressões fugidias que guardei: uma noite de primavera em que se ouviam clamores sob as árvores da Praça Clignancourt, e o inverno, de novo, à medida que se descia para Simplon e para a Alameda Ornano. Se bem que ainda agora não tenha uma clara consciência disso, andaria porventura no rasto de Dora Bruder e dos seus pais. Já ali estavam, em filigrana.

Tento encontrar indícios o mais longínquos no tempo. Por volta dos doze anos, quando acompanhava a minha mãe à feira da ladra de Clignancourt, havia um judeu polaco que vendia malas no começo de uma dessas áreas orladas de barracas, Bazar Malik, Bazar Vernaison... Malas luxuosas, de cabedal, de pele de crocodilo, outras de cartão, sacos de viagem, malas com etiquetas de companhias transatlânticas – todas empilhadas umas sobre as outras. O pavilhão dele era a céu aberto. Tinha sempre um cigarro ao canto dos lábios, e certa tarde oferecera-me um.

\*

Fui algumas vezes ao cinema na Alameda Ornano: o Clignancourt Palace, no fim da alameda, ao lado do Deita Mais. E ao Ornano 43.

Soube mais tarde que o Ornano 43 era um cinema muito antigo. Tinham-no reconstruído no decurso dos anos trinta, dando-lhe um aspeto de paquete. Voltei a estas paragens no mês de maio de 1996: uma loja havia substituído o cinema. Atravessa-se a Rua Hermel e chega-se diante do prédio n.º 41 da Alameda Ornano, a morada indicada no pedido de procura de Dora Bruder.

Um prédio de cinco andares do final do século XIX. Forma com o n.º 39 um bloco rodeado pela alameda, o término da Rua Hermel e a Rua do Simplon, que passa por detrás destes dois prédios semelhantes: o n.º 39 apresenta uma inscrição que menciona o nome do seu arquiteto, um certo Richefeu, e a data da construção: 1881. É natural que se possa dizer o mesmo do n.º 41.

Antes da guerra e até ao começo dos anos cinquenta, o n.º 41 da Alameda Ornano era um *hôtel*<sup>1</sup>, assim como o n.º 39, que se chamava *Hôtel du Lion d'Or*. Também no n.º 39, antes da guerra, havia um café-restaurante mantido por um certo Gazal. Não encontrei o nome do *hôtel* do 41. No começo dos anos cinquenta, nesta morada figura uma Société Hôtel & Studios Ornano, Montmartre 12-54. E, de igual modo, como antes da guerra, um café cujo proprietário se chamava Marchal. Este café já não existe. Ocuparia o lado direito ou o lado esquerdo da porta principal?

Esta abre-se para um corredor bastante comprido. Lá ao fundo, a escada arranca para a direita.

---

<sup>1</sup> A palavra francesa *hôtel* designa também os antigos palacetes urbanos transformados em edifícios de apartamentos. (N. do E.)

É preciso muito tempo para que ressurja à luz aquilo que foi apagado. Subsistem vestígios em registos mas ignora-se onde estão escondidos, se há guardas que os vigiam e se consentirão em no-los mostrar. Ou talvez tenham muito simplesmente esquecido que tais registos existem.

Basta um pouco de paciência.

Assim, acabei por saber que Dora Bruder e os pais já habitavam o *hôtel* da Alameda Ornano em 1937 e 1938. Ocupavam um quarto com cozinha no quinto andar, onde uma escada de ferro corre a toda a volta dos dois prédios. Veem-se umas dez janelas neste quinto andar. Duas ou três dão para a alameda e as outras para o fim da Rua Hermel e, atrás, para a Rua do Simplon.

Nesse dia de maio de 1996 em que voltei ao bairro, as portadas ferrugentas das duas primeiras janelas do quinto andar que davam para a Rua do Simplon estavam fechadas, e em frente destas janelas, na sacada, reparei num amontoado de objetos heteróclitos que pareciam ali abandonados há muito tempo.

Durante os dois ou três anos que precederam a guerra, Dora Bruder esteve certamente inscrita numa das escolas oficiais do bairro. Escrevi uma carta ao diretor de cada uma delas perguntando se era possível encontrar o seu nome nos registos:

Rua Ferdinand-Flocon, 8;

Rua Hermel, 20;

Rua Championnet, 7;

Rua de Clignancourt, 61.

Responderam-me com amabilidade. Nenhum encontrara esse nome na lista dos alunos das classes de antes da guerra. Por fim, o diretor da antiga escola de raparigas da Rua Championnet, n.º 69, convidou-me a ir consultar pessoalmente os registos. Hei de ir, um dia. Mas hesito. Quero acalantar um pouco mais a esperança de que o seu nome figura lá. Era a escola mais próxima do seu domicílio.

Levei quatro anos a descobrir a data exata do seu nascimento: 25 de fevereiro de 1926. E foram necessários mais dois anos para conhecer o local do seu nascimento: Paris, 12.<sup>a</sup> circunscrição. Mas sou paciente. Posso esperar horas seguidas sob a chuva.

Uma sexta-feira à tarde, em fevereiro de 1996, fui à sede da 12.<sup>a</sup> circunscrição, ao serviço do Registo Civil. O encarregado, um jovem, estendeu-me uma ficha para preencher:

*O requerente deve escrever o seu*

*Apelido*

*Nome próprio*

*Morada*

*Solicito a cópia integral da certidão de nascimento de:*

*Apelido BRUDER*

*Nome próprio DORA*

*Data de nascimento: 25 de fevereiro de 1926*

*Assinale se é:*

*O interessado requerente*

*O pai ou a mãe*

*O avô ou a avó*

*O filho ou a filha*

*O/A cônjuge*

*O representante legal*

*Tem procuração mais bilhete de identidade do(a) interessado(a)*

*Para além destas pessoas, não será passada cópia de certidão de nascimento.*

Assinei a ficha e entreguei-lha. Depois de a ter consultado, ele disse-me que não podia dar-me a cópia integral da certidão de

nascimento por não ter qualquer laço de parentesco com a pessoa em causa.

Por momentos pensei que se tratava de uma dessas sentinelas do esquecimento incumbidas de guardar um segredo vergonhoso, proibindo a descoberta do mínimo vestígio da existência de alguém. Mas tinha cara de boa pessoa. Aconselhou-me a pedir uma derrogação ao Palácio da Justiça, na Alameda do Palais, n.º 2, 3.ª secção do Registo Civil, 5.º andar, escada 5, gabinete 501. De segunda a sexta-feira, das 14 às 16 horas.

Aprestava-me a transpor o alto gradeamento e o pátio principal no n.º 2 da Alameda do Palais quando um contínuo me indicou uma outra entrada, um pouco mais abaixo: a que dava acesso à Sainte-Chapelle. Uma fila de turistas aguardava entre as barreiras, e eu quis passar diretamente sob o pórtico, mas um outro contínuo, com um gesto brutal, mandou-me ir para a fila atrás dos outros.

Ao fundo de um átrio, o regulamento exigia que tirássemos todos os objetos de metal que trouxéssemos nas algibeiras. Só tinha comigo um molho de chaves. Devia pousá-lo numa espécie de tapete rolante e recuperá-lo do outro lado de um vidro, mas naquele momento não entendi bem a manobra. A minha hesitação valeu-me uma pequena reprimenda de um outro contínuo. Seria um guarda? Um polícia? Devia dar-lhe igualmente, como à entrada de uma prisão, os meus atacadores, o meu cinto, a minha carteira?

Atravessei um pátio, meti por um corredor e desemboquei num vestíbulo muito amplo por onde caminhavam homens e mulheres empunhando pastas pretas e, nalguns casos, togas de advogados. Não ousava perguntar-lhes por onde se tinha acesso à escada 5.

Um guarda sentado atrás de uma mesa indicou-me a extremidade do vestíbulo. Chegado lá, penetrei numa sala deserta cujas janelas em desvão deixavam passar uma luz pardacenta. Por mais que palmilhasse esta sala, não encontrava a escada 5. Sentia-me invadido pelo pânico e pela vertigem que sentimos nos pesadelos quando não conseguimos alcançar uma estação e o tempo passa e não conseguimos apanhar o comboio.

Aconteceu-me uma aventura semelhante vinte anos antes. Soubera que o meu pai estava hospitalizado na Pitié-Salpêtrière. Nunca

mais o vira desde o fim da adolescência. Decidi então visitá-lo de improviso.

Recordo-me de ter errado durante três horas através da imensidade do hospital à procura dele. Entrava em edifícios muito antigos, em salas comuns com camas alinhadas e interrogava enfermeiras que me davam informações contraditórias. Acabava por duvidar da existência do meu pai enquanto passava e tornava a passar diante daquela igreja majestosa e daquele edifício irreal, intacto desde o século XVIII e que me evocava Manon Lescaut<sup>2</sup> e a época em que esse lugar servia de prisão das raparigas, sob o nome sinistro de Hospital Geral, antes de as deportarem para a Luisiana. Calcorreei os pátios empedrados até ao anoitecer. Era impossível encontrar o meu pai. Não voltei a vê-lo.

Finalmente descobri a escada 5. Subi os andares. Uma correnteza de gabinetes. Apontaram-me o que tinha o número 501. Uma mulher de cabelo louro e ar indiferente perguntou-me o que pretendia.

Numa voz seca, explicou-me que para obter o extrato de certidão de nascimento devia escrever ao Sr. Procurador da República, repartição de segunda instância de Paris, Cais dos Orfèvres, n.º 14, 3.ª secção B.

Ao cabo de três semanas recebi uma resposta:

*No dia vinte e cinco de fevereiro de mil novecentos e vinte e seis, às vinte e uma horas e dez minutos, nasceu, na rua Santerre, n.º 15, Dora, de sexo feminino, de Ernest Bruder, nascido em Viena (Áustria) no dia vinte e um de maio de mil oitocentos e noventa e nove, servente, e de Cécile Burdej, nascida em Budapeste (Hungria) no dia dezassete de abril de mil novecentos e sete, sem profissão, sua esposa, domiciliados em Sevran (Seine-et-Oise), Avenida Liégeard, n.º 2. Lavrado a vinte e sete de fevereiro de mil novecentos e vinte e seis, às quinze horas e trinta minutos, de acordo com a declaração de Gaspar Meyer, de setenta e três anos, empregado e domiciliado na Rua*

---

<sup>2</sup> Manon Lescaut: personagem do romance homónimo da autoria do abade Prévost, escrito em 1731. (N. do T.)

*de Picpus, n.º 76, o qual assistiu ao parto e, depois de feita a leitura, assinou connosco Augusto Guillaume Rosi, adjunto do administrador da décima segunda circunscrição de Paris.*

O n.º 15 da Rua Santerre é o endereço do Hospital Rothschild. No seu serviço de maternidade nasceram, na mesma época que Dora, numerosos filhos de famílias judaicas pobres acabadas de emigrar para França. Parece que Ernest Bruder não pôde ausentar-se do trabalho para declarar ele próprio a sua filha nessa quinta-feira, 25 de fevereiro de 1926, na sede da 12.ª circunscrição. Talvez fosse possível encontrar num registo algumas indicações relativas a Gaspard Meyer, que subscreveu a certidão de nascimento. O n.º 76 da Rua de Picpus, onde ele estava «empregado e domiciliado», era a morada do Hospício de Rothschild, criado para os idosos e os indigentes.

O rasto de Dora Bruder e dos pais, nesse inverno de 1926, perdeu-se nos subúrbios do nordeste, à beira do canal de Ourcq. Um dia hei de ir a Sevrans, mas receio que as casas e as ruas tenham mudado de aspeto, como sucede em todos os subúrbios. Eis os nomes de alguns estabelecimentos e habitantes da Rua Liégeois desse tempo: o Trianon de Freinville ocupava o n.º 24. Um café? Um cinema? No n.º 31 havia as Caves de l'Île-de-France. Um doutor Jorand morava no 9; um farmacêutico, Platel, no 30.

Esta Rua Liégeois onde os pais de Dora habitavam fazia parte de um aglomerado que se estendia pelos municípios de Sevrans, Livry-Gargan e Aulnay-sous-Bois, ao qual se dera o nome de Freinville. O bairro nascera em volta da fábrica de freios Westinghouse, instalada ali no começo do século. Um bairro de operários. Tentara conquistar a autonomia municipal nos anos trinta, sem o conseguir. Apesar de tudo, tinha a sua estação de caminho de ferro: Freinville.

Ernest Bruder, o pai de Dora, era seguramente, nesse inverno de 1926, servente na fábrica de freios Westinghouse.